

1876–1928 ITINERÁRIOS DE UM JORNALISTA E BUROCRATA NEGRO**JOSÉ ANTÔNIO DOS SANTOS***

Trago para o debate o rascunho biográfico de um personagem negro que nasceu livre e viveu a escravidão, a abolição e o período pós-emancipação. Fez parte do grupo que se organizou entorno do jornal *O Exemplo*, publicado entre 1892 e 1930, em Porto Alegre – RS, onde se manteve até que a morte o surpreendeu. Vou destacar aspectos da sua inserção social como jornalista, católico e burocrata que participou ativamente em defesa das principais questões que preocupavam a população negra brasileira da época.¹

Marcílio Francisco da Costa Freitas nasceu, em 1876, e morreu no dia 06 de abril de 1928. Ele era a própria encarnação dos princípios defendidos por meio das páginas do semanário *O Exemplo*, lutou contra o racismo e ascendeu socialmente sem romper os vínculos com a sua origem étnica e cultural. No dia seguinte à sua morte houve intenso cortejo mortuário de amigos, familiares, colegas de trabalho, correligionários e companheiros na fundação do jornal.

No percurso de sua casa em direção a Capela de Nosso Senhor dos Passos para a encomendação da alma, o féretro foi acompanhado por representantes das Irmandades do Espírito Santo, Nossa Senhora das Dores e Nosso Senhor dos Passos. O que, de certa forma, justificava os vínculos que mantinha desde muito cedo com o catolicismo reinante na cidade. No deslocamento da Capela rumo ao cemitério da Santa Casa que ficava próximo, os correligionários do Partido Republicano Riograndense – PRR se alternaram com os diretores, redatores e artistas gráficos de *O Exemplo* para carregar o esquife.

Na listagem nominal divulgada no jornal e a partir do envio de coroas e demais mensagens de pêsames, foram computadas as manifestações públicas de pesar de mais de 178 pessoas e entidades. Dentre estas, estavam os principais representantes do Partido Republicano no Estado, de dois Centros Republicanos locais, da Intendência Municipal, do Grêmio dos Oficiais Aduaneiros, do

* UFRGS, Doutor em História.

¹ As informações do artigo são parte da tese: SANTOS, José A. *Prisioneiros da história*. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. Doutorado em história. PUC-RS, 2011.

Clube dos Oficiais da Guarda Nacional, do Centro Porto Alegre e da Sociedade Carnavalesca Filhos do Inferno.²

Nas semanas seguintes chegaram até a redação do jornal dezenas de manifestações de pêsames de algumas das principais cidades do Estado, onde seguidamente ele viajava a trabalho como Oficial Aduaneiro. Marcílio de Freitas era um homem bem relacionado, o acesso ao serviço público, as atividades como católico militante e a participação política no PRR, haviam lhe possibilitado circular entre pessoas da elite de Porto Alegre e do interior granjeando considerável capital social que acumulou ao longo da vida.

Ele também se tornou uma liderança que circulava por vários grupos e sociedades negras da cidade. Participou da “Comissão de Contas” do *Esporte Clube Riograndense*, time de futebol de várzea que era popular entre os negros da capital, e foi presidente honorário do *Centro Porto Alegre* que era uma espécie de clube privado, formado por funcionários públicos e pela elite negra letrada que se aglutinava ao redor do jornal. A partir da instituição do *Centro Porto Alegre*, no início da década de 1920, eles passaram a organizar bailes, piqueniques, festas e aulas noturnas em que a casa de Marcílio era uma das principais referências.³

O endereço da sua residência, localizada na Rua Demétrio Ribeiro, número 703, próximo ao centro da cidade, era o local privilegiado para toda sorte de reuniões que tratavam desde os rumos da política local e os encaminhamentos para manutenção do periódico, até a organização de festas públicas voltadas a angariar recursos para as Irmandades. Ele vivia em segundas núpcias com Balbina Pedroso e a casa deles também servia de refúgio para animadas conversas e festas privadas que comemoravam a fundação do jornal e os aniversários dos principais redatores.

Por isso, não é de estranhar que a primeira edição d’*O Exemplo*, que veio a público seis dias depois do fêretro, trazia a fotografia de Marcílio Freitas estampada no centro da capa. Ela vinha

² Cf. *O Exemplo*, 12.04.1928.

³ Marcílio Francisco da Costa Freitas foi “presidente honorário” do *Centro Porto Alegre*, em 1920. (*O Exemplo*, 12.12.1920) A partir de 1922, Clemente Gonçalves de Oliveira, do qual era padrinho do filho e um dos diretores do jornal, passou a ocupar o cargo de “vice-presidente” do *Centro*. Na oportunidade, Clemente anunciava a compra de um terreno para a construção da sede própria na Rua Luiz Afonso. (*O Exemplo*, 10.12.1922) Eles organizaram, em 1925, um “festival” no Cinema Palácio com a apresentação de literatura, música e palestra, que foi proferida pelo recém formado Dr. Dario de Bittencourt. Segundo os redatores do jornal, o evento foi voltado para angariar recursos para a construção da nova sede, local que não seria apenas destinado aos “fins recreativos”, mas também aos “fins instrutivos” que se voltariam ao combate do “maior flagelo nacional”, o analfabetismo. (*O Exemplo*, 20.12.1925)

emoldurada em grosso contorno de tinta preta anunciando a sua morte.⁴ As quatro páginas seguintes estavam repletas de exéquias e lamentos sobre o ocorrido, enquanto a última página era destinada para os anúncios comerciais e um pequeno texto de protesto contra a troca do nome de uma das principais ruas de Novo Hamburgo.

A notícia trazia a informação de que em virtude de um documento encaminhado por 24 moradores da Rua 13 de Maio, o Intendente Municipal teria trocado, por meio de decreto, o nome da rua para 5 de Abril. Segundo os redatores do jornal, a troca do nome causou “solene e formal protesto” de alguns populares, pois a data de fundação da cidade não poderia ser mais importante que a efeméride que comemorava a “extinção do elemento servil em nossa terra”.

Embora o luto em que se recolheram depois da morte de Marcílio, o único dos fundadores do jornal que se manteve diretamente envolvido com o semanário até o final da vida, eles se prestavam a tratar de assunto que parece trivial aos olhos de hoje. A troca do nome de uma rua na cidade de Novo Hamburgo remetia à importância do dia 13 de maio de 1888 para a população negra. Mesmo naquele universo letrado que se representava como intelectualizado, a data ainda era significativa quarenta anos depois. A Lei Áurea descortinou perspectivas políticas e sociais aos negros, plasmadas três anos depois na primeira Constituição republicana, que criavam condições reais para que se organizassem contra o racismo e a humilhação pública e investissem na mobilidade social.

Foi o que fez o grupo que se articulou ao redor do jornal em 1892. O nome de Marcilio vinha definido no primeiro número de *O Exemplo* como “editor gerente”. Ele tinha 16 anos e era o mais jovem entre aqueles que fundaram o semanário.⁵ Segundo sua memória transcrita em artigo, ele havia adquirido “rudimentares estudos na extinta Escola Normal” de Porto Alegre, e empregou-se como aprendiz de tipógrafo em *O Mercantil*. Naquele ano, ele exercia a função de “artista gráfico” nas oficinas da *Folha Nova* e, depois, se tornaria revisor de provas do *Jornal do Comércio* e do *Correio*

⁴ O Exemplo, 12.04.1928.

⁵ Nas “Notas” do primeiro número do jornal, foi anunciado que *O Exemplo* custava 500 réis por mês, e as pessoas que não tivessem o interesse em colaborar deveriam devolvê-lo no escritório da redação, localizado na rua dos Andradas, número 247. Também foi noticiado nessa coluna, que a “comissão de redação” era composta por: Aurélio Bittencourt Filho, Sérgio Bittencourt, Arthur Andrade e Alfredo de Souza. Finalmente, a mesma sessão do jornal, trazia a informação que as reclamações deveriam ser dirigidas para a “direção material”, composta por: Alfredo de Souza, que trabalhava na farmácia da Santa Casa, Marcilio Freitas, nas oficinas da *Folha Nova*, e para Espiridião Calisto, que trabalhava no Salão Calisto, localizado no mesmo endereço da redação. (O Exemplo, 11.12.1892)

do Povo. No trabalho diário nos periódicos locais, ele adquiriu conhecimentos para ajudar a compor os primeiros exemplares do jornal que inaugurou a imprensa negra gaúcha.

No século XIX, era comum a inserção social de negros que iniciavam como aprendiz de tipógrafo, profissão que muitos jovens principiavam logo depois dos 10 anos de idade. A atividade gráfica possibilitava o contato direto com livros, panfletos e propagandas, difundia ideologias e potencializava a formação de agentes políticos. Sabemos que os trabalhadores gráficos estiveram à frente das primeiras iniciativas de organização do movimento operário no Rio Grande do Sul, assim como em outros estados. O domínio da linguagem escrita, o conhecimento das técnicas de impressão e o convívio cotidiano entre pares profissionais, criavam condições de organização social e mobilização política que eram potencializados na fundação de periódicos.

Marcilio e seus companheiros não constituíram casos excepcionais no processo que os levou a se articular ao redor de um meio de comunicação e denúncia de preconceitos arraigados na sociedade gaúcha. O trabalho com a imprensa negra no Rio Grande do Sul trouxe para a historiografia do pós-abolição cerca de duas dezenas de homens e mulheres que se alfabetizaram e, em algum momento de suas vidas, trilharam a senda do jornalismo em busca da cidadania. Eram recorrentes nas páginas dos jornais os relatos de constrangimentos racistas sofridos por eles.

O nosso memorialista destacava algumas situações que eles tinham vivenciado e que os motivara na fundação do jornal *O Exemplo*. Em janeiro de 1928, por exemplo, Marcilio lembrava do “aparecimento” do jornal em 1892, e dos: “[...] vexames de toda ordem que sofriam a cada passo os descendentes da raça negra. Não podiam dar bailes sem licença da polícia e por ocasião dos festejos carnavalescos eram imensamente ridicularizados”.⁶ Durante as festas de carnaval, mesmo que andassem bem vestidos e comportados, eles eram os alvos prediletos das intervenções policiais e para o uso do limão de cheiro, da farinha de polvilho e da bisnaga de água.

A prática de jogar farinha e água, preferencialmente, sobre os homens e mulheres negros, remetia aos primórdios do carnaval, conhecido como entrudo, e à escravidão, quando a brincadeira era torná-los brancos pelo uso daquele recurso. Marcilio questionava as distinções entre negros e brancos que remetiam às situações vexatórias do período anterior, sua experiência havia demonstrado que a ascensão social não garantia aos negros a livre circulação pela cidade e a organização dos seus

⁶ “O aparecimento d’O Exemplo”. Artigo de Marcilio da Costa Freitas. (*O Exemplo*, 02.01.1928)

eventos. Havia a necessidade da autorização policial para realizar festas, e eram proibidos de entrar em alguns lugares públicos como, escolas, teatros, confeitarias e cafés, dentre outros.

A fundação de jornais constituía um canal informal de intervenção social e política que, de certa forma, extravasava os anseios participativos ao mesmo tempo em que reivindicava melhores condições de vida. Muitos daqueles que fundaram *O Exemplo* sofreram as influências dos abolicionistas e dos republicanos de primeira hora. A maioria dos redatores negros fizeram a opção política e a reverência necessárias aos grandes chefes republicanos. Era parte da troca de favores que vinha recompensada com o pagamento da publicação dos editais da Intendência Municipal, com a circulação do jornal nos meios comerciais da cidade e com o reconhecimento do principal órgão de imprensa dos republicanos quando das datas festivas do semanário.

Em contrapartida, o jornal *A Federação* (1884-1937), órgão de propaganda do Partido Republicano Riograndense, foi fundado por Julio de Castilhos e Borges de Medeiros, já nasceu abolicionista. O jornal mantinha nas suas colunas referências elogiosas aos principais redatores de *O Exemplo*, principalmente nas datas comemorativas de fundação do “jornalzinho dos negros”, conforme se referia muitas vezes. Entre os dirigentes e os trabalhadores gráficos das duas publicações, existiam laços profissionais, de amizade e compadrio que iam além das vinculações políticas e sociais hierarquizadas.⁷

Naquele artigo que apontamos inicialmente, Marcilio justificava a necessidade de fundação d’*O Exemplo* para denunciar situações de racismo e preconceito, como no caso de Justino Coelho da Silva Júnior que, segundo ele, havia se tornado um escândalo no meio negro. Descrito como um “cidadão de cor parda”, Justino teria se classificado para ocupar cargo no serviço público estadual e foi surpreendido com a anulação do concurso pelo Presidente da Província sem “razões plausíveis”. Justino havia concorrido com 33 candidatos a uma vaga na Secretaria de Governo e teria sido o único aprovado. Não convencido da anulação, ele realizou outras seleções até que foi aprovado como carteiro, cargo em que se aposentou.

Como republicano, não era à toa que a memória de Marcilio havia selecionado aquele fato quase quarenta anos depois. O caso havia acontecido durante o governo de Gaspar da Silveira Martins

⁷ Agostinho José Lourenço, por exemplo, era “gerente” do jornal *A Federação*, cargo que ocupou de 1906 a 1910. Ele também era pai de Antonio Lourenço que fez parte do corpo de redatores d’*O Exemplo* de 1923 até o final da publicação. *O Exemplo*, 04.02.1923.

que era o Presidente da Província antes dos republicanos assumirem e que, portanto, representava a monarquia e depois os federalistas no Estado. Do mesmo modo, ele se mostrava ciente que depois da abolição os negros continuavam sendo barrados no processo de integração e apontava a educação, o esforço individual e o concurso público como meios de ascensão social que estavam disponíveis aos da sua cor.⁸

Na imprensa negra era comum a divulgação de trajetórias consideradas bem sucedidas que eram usadas como exemplos. Relatos de indivíduos que conquistaram posições sociais intermediárias e que indicavam a capacidade intelectual dos negros e das possibilidades abertas pelos adventos da Abolição e da Proclamação da República. Mas, ao mesmo tempo, também se constituíam em contrastes com a maioria da população que não tinha acesso à alfabetização e ao emprego regular.

Marcilio foi o mais jovem entre os fundadores do semanário e logo que chegou à maioria, fez concurso para carteiro seguindo conselho do “companheiro” de labuta Arthur Ferreira de Andrade, que era o diretor d’*O Exemplo* no início da aventura periodista, e teria sido um dos primeiros entre eles a conquistar o emprego público. Ferreira de Andrade nasceu em 1871, e morreu aos 54 anos de idade, era considerado um modelo de retidão moral e de dedicação ao estudo para todos os seus companheiros de redação. Ele tinha 21 anos quando fundaram o jornal e já era concursado na Repartição dos Correios onde se aposentou no cargo de Segundo Oficial. Ao que parece, antes da aposentadoria, formou-se na Faculdade de Direito de Porto Alegre e era orador do Clube de Oficiais da Guarda Nacional, sendo um daqueles que manteve vínculos partidários com o PRR.⁹

Marcilio também seguiu carreira no funcionalismo público e chegou a ser escriturário da Secretaria da Fazenda, cargo em que obteve maior estabilidade financeira e deu-lhe condições de tornar-se um dos maiores responsáveis pela manutenção do hebdomadário. A partir da “nova fase” do

⁸ Gaspar da Silveira Martins (1835-1901) foi deputado, senador, ministro da Fazenda e Conselheiro de Estado durante a Monarquia. Também foi Presidente da Província do Rio Grande do Sul, de 24 de julho a 06 de novembro de 1889. Ao voltar do exílio imposto aos monarquistas pelos republicanos em 1892, ele fundou o Partido Federalista no Estado, onde se tornou o principal oponente de Júlio de Castilhos e um dos principais pivôs da Revolução Federalista. A guerra civil que se abateu sobre o Rio Grande do Sul de fevereiro de 1893 a agosto de 1895.

⁹ Arthur Ferreira de Andrade (1871-11.03.1925) estudou no “modelar” Colégio Gomes de Porto Alegre e foi um exemplo a ser seguido por seus companheiros mais jovens. (O Exemplo, 15.03.1925)

jornal, iniciada em 1916 e que foi até 1930, ele ocupou o cargo de “presidente do grupo mantenedor”, que foi criado para administrar a redação e a tipografia que compraram.¹⁰

A forma de tratamento que assumiram entre eles na “nova fase” definia uma hierarquia de trabalho dentro do grupo. Aqueles que eram definidos como “companheiros” eram os mais próximos do círculo diretamente responsável pela fundação e manutenção do semanário. Eram os casos do diretor, do gerente e de alguns redatores que se vinculavam ao “núcleo mantenedor” do jornal a partir de 1916. Também havia os “auxiliares” que eram os envolvidos com o trabalho subalterno realizado na tipografia e na distribuição dos exemplares.

Ainda tinham os “articulistas”, que possuíam uma coluna na folha e a mantinham de forma regular, e os “colaboradores”, termo que se referia a todos que escreviam para o jornal de forma eventual. Ainda apareciam nas páginas d’*O Exemplo* as figuras dos “correspondentes” que enviavam notícias e artigos de outras cidades; o “agente” que era o responsável pela cobrança do pagamento das assinaturas na capital ou no interior e, finalmente, o “favorecedor” que era uma das peças-chaves no processo de manutenção do periódico. A definição como “favorecedor” identificava as pessoas que pagavam para receber a publicação em sua casa, mas também principalmente aquelas que pagavam para anunciar no jornal. Estas eram tratadas com pompas e circunstâncias nas páginas do semanário.

É consenso na história do jornalismo do Estado que as motivações políticas e disputas partidárias em que se envolveram os republicanos foram fundamentais para a fundação e o aprimoramento técnico dos periódicos no Rio Grande do Sul. Por outro lado, políticos e jornalistas republicanos ou federalistas não tiveram o mesmo ímpeto das disputas na resolução das principais questões sociais apontadas no período anterior. O final da escravidão e a Proclamação da República não trouxeram a “liberdade” desejada aos descendentes da senzala. O direito de ir e vir foi regulado por códigos e posturas municipais, as atividades voltadas para as festas e cultos religiosos foram perseguidas pela polícia, a entrada e a circulação em alguns lugares públicos era restringida e os concursos públicos podiam ser impugnados por motivos inconfessos.

¹⁰ O grupo mantenedor do semanário, de 1916 a 1930, foi formado, entre outros, por: Alcides das Chagas Carvalho, Júlio da Veiga Rabello, João Batista de Figueiredo, João Batista da Silva Júnior, Felipe Batista da Silva, Júlio da Silveira, Clemente Gonçalves de Oliveira, Dario de Bittencourt, Antonio Gonzaga, Antonio Lourenço, Carlos Alberto da Costa e Ulysses Alvaro de Barros.

Ao longo da existência do periódico manteve-se a discussão sobre o preconceito racial no Estado, a tendência foi de considerá-lo existente, embora observado com graus diferenciados conforme a experiência e a trajetória pessoal de cada articulista. Geralmente aqueles que haviam vivido mais tempo sob o regime escravista e os que eram fenotipicamente considerados mais escuros, tinham maior inclinação para divulgar e se manifestar de forma contrária aos acontecimentos que envolviam os chamados “preconceitos de cores”.¹¹

O Exemplo também foi usado por eles como espaço para a defesa dos interesses das suas categorias profissionais. Dario de Bittencourt, por exemplo, que o era o “diretor da redação” desde 1920, tão logo se formou em Direito na Faculdade de Porto Alegre, em 26 de dezembro de 1924, passou a divulgar o seu nome e o endereço profissional no semanário. Marcílio de Freitas escreveu artigo sobre: “A promoção dos funcionários da Fazenda”, em que defendia o projeto republicano que reformava o acesso aos cargos daquela pasta. Ele participava do *Clube Militar de Oficiais da Guarda Nacional* e do *Clube Republicano Júlio de Castilhos*, onde ostentava os títulos de major e capitão, que foram concedidos por militar nas hostes republicana.

Nesse sentido, ele elogiava, de forma veemente, a prosperidade do Estado que era presidido pelo PRR. Reiteradas vezes as capas do jornal vinham com fotos dos “varões ilustres e beneméritos rio-grandenses” Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, assim como teceram loas à posse do candidato do PRR ao cargo de Governador do Estado que, em 1928, foi ocupada por Getúlio Dorneles Vargas. Também aproveitava a circulação do jornal no meio popular para divulgar as atividades das Irmandades que fazia parte e tecer comentários elogiosos à “classe comercial” da cidade.¹²

A utilização das páginas d’*O Exemplo* para tratar dos interesses de alguma categoria ou divulgar assuntos pessoais era utilizada por todos os envolvidos na manutenção do jornal. Clemente Gonçalves de Oliveira que era “vice-presidente do Grupo Mantenedor” desde 1925, e ocupou o cargo de “gerente” do jornal a partir de 1928, era Oficial de Justiça e reclamava da falta de aumento salarial.

¹¹ Rodolfo Xavier (10.03.1874-25.02.1964) foi um dos fundadores e o principal articulista do jornal *A Alvorada*. Até o final da vida ele foi um combativo militante na defesa do operariado e da “raça etiópica” da cidade de Pelotas. Xavier era filho de mãe escrava e deve ter se livrado da escravidão pela Lei do Ventre Livre de 1871, o que ajuda a entender, mas não explica, a sua insistência contra as atitudes racistas que chegavam ao seu conhecimento. A sua trajetória intelectual deteve-se na construção de estratégias políticas para os negros pelotenses por meio do movimento operário.

¹² “Legítima alegria”. (*O Exemplo*, 29.01.1928)

Ele escreveu artigo contra o governo de Washington Luis que havia negado melhores condições aos funcionários públicos federais, e estimulava que os seus colegas se abstivessem nas próximas eleições ao Governo Federal. Vinculações partidárias e opiniões diferenciadas entre os redatores do jornal, não inviabilizava que cada um defendesse e divulgasse questões particulares. Ao contrário, o ambiente intelectual e afetivo criado ao redor do semanário parecia ser um estímulo para que todos assumissem suas convicções pessoais.¹³

Antonio Gonzaga foi outro dos redatores do jornal que se manifestava em defesa dos interesses de sua “classe”. Ele era marceneiro de profissão e considerado “um dos mais cultos proletários porto alegrenses” que de forma recorrente publicava artigos favoráveis às demandas dos operários.¹⁴ A necessidade de moradias adequadas, os preços altos dos alimentos e dos aluguéis, as dificuldades de transportes e a reivindicação por aumentos salariais, eram temas que ele discutia por meio das páginas d’*O Exemplo*.

Gonzaga era um discípulo assumido do líder operário Francisco Xavier da Costa, que deixou de ser socialista no início da década de 1910, para ser Conselheiro Municipal vinculado ao PRR. Nessa condição de amigo e discípulo do líder operário negro de maior expressão política do principal Partido do Estado, Gonzaga entrou no corpo redatorial do semanário como “cronista esportivo” e afirmou-se como um articulista em defesa do operariado da capital.¹⁵

Portanto, usar o jornal para defender interesses de grupos futebolísticos, religiosos, classistas, partidários ou mesmo sucumbir a alguma vantagem material tornou-se uma prática comum

¹³ Marcílio da Costa Freitas era padrinho do filho de Clemente Gonçalves. Clemente por sua vez, era Oficial de Justiça do Fórum Federal, conforme nomeação anunciada em 1922, e vice-presidente do “Grupo Mantenedor do jornal” desde 1925, e gerente conforme anunciado em 1928. (*O Exemplo*, 02.01.1922 e 15.01.1928).

¹⁴ Expressão que foi utilizada pelo jornal quando Antonio Gonzaga foi apresentado para fazer parte do corpo redatorial. (*O Exemplo*, 06.01.1921)

¹⁵ Antonio Gonzaga era um discípulo do líder operário, litógrafo e jornalista Francisco Xavier da Costa (187?-1934), que foi socialista e o primeiro negro e operário a fazer parte do Conselho Municipal nas gestões de 1912-1920 e 1928-1930. Coincidentemente ou não, foi nesse primeiro período em que Antonio Gonzaga passou a fazer parte do jornal *O Exemplo* e Xavier passou a defender as ideias veiculadas pelo PRR, ele teve o seu nome divulgado no semanário inclusive com a publicação de alguns artigos sobre o seu mandato. Xavier voltava-se para a defesa dos grupos populares diante do crescimento urbano da cidade, pela concessão de benefícios aos funcionários municipais e na divulgação dos nomes dos “grandes vultos” sul-rio-grandenses, principalmente, aqueles que fizeram parte do PRR. Em “Carta Aberta ao Prezado Mestre e Amigo e distinto operário Francisco Xavier da Costa” Antonio agradecia em nome da União Padeiral, o direito ao descanso dominical conquistado no Conselho Municipal por Francisco Xavier, ele fechava o documento com “vosso discípulo e amigo”. (*O Exemplo*, 22.01.1928) Para saber mais sobre a rica trajetória do líder socialista definido pelo autor como “mulato”, ver: SCHMIDT, 2004.

na redação do semanário ao longo dos anos. Ao olhar rápido e desavisado de algum curioso da imprensa negra, poderia sugerir que os redatores se desviavam do “programa” em defesa dos negros ou do público leitor inicialmente definido. Na minha interpretação denotava a ampliação do universo daqueles com os quais o semanário dialogava e a busca de novas alternativas para a integração social dos negros. Afinal, nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Porto Alegre passava dos cem mil habitantes e o cenário da modernidade impunha-se em todas as direções.

O jornalismo se modernizava buscando uma maior independência dos ditames doutrinários. *O Exemplo* passou a ter oficina própria e um novo formato tablóide com artigos que procuravam cobrir um número maior de questões. Dentre outros nomes da intelectualidade gaúcha que escreveram no semanário estavam Dante Laitano, Jorge Bahlis e Walter Spalding que denotavam o interesse dos redatores para que o jornal atingisse um público leitor mais diversificado e obtivesse a credibilidade no meio intelectual do Estado. Nos anos de 1920, o semanário passou a contar com uma série de “representantes” nas principais cidades do interior do Estado, e a reproduzir artigos dos principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Evaristo de Moraes foi um dos articulistas que tiveram seguidas vezes seus textos reproduzidos no semanário de Porto Alegre. A partir do Rio de Janeiro, os seus artigos geralmente eram sobre as experiências que havia vivido na escravidão e sobre os direitos trabalhistas. Também tratava dos temas da cidadania dos negros, da ascensão social dos “mulatos”, do positivismo e da política republicana. Ele era um crítico contundente da sociedade em que vivia, nesse sentido, ele traçava algumas continuidades sociais e políticas do período da escravidão com aquilo que observava na capital da República, onde atuou por quase 70 anos como abolicionista “tribuno da República” e defensor das causas impossíveis.¹⁶

¹⁶ Evaristo de Moraes (1871-1939) foi um intelectual negro carioca muito conhecido em todo o país. Ele foi abolicionista e republicano, e atuava como jornalista e advogado dos operários e das prostitutas da capital do país. Dentre os seus textos publicados n’*O Exemplo*, destaco os dois que foram intitulados: “A ascensão dos mulatos” e “Teixeira Mendes, o positivismo e o abolicionismo”. No último, que foi publicado originalmente no *Jornal do Brasil*, ele reverenciava a memória de Teixeira Mendes, considerado o apóstolo do positivismo que havia recém morrido. No artigo sobre a ascensão dos mulatos, definidos como o resultado da mestiçagem entre negros e brancos, Evaristo traçava um panorama do preconceito racial contra os mestiços desde a escravidão até o início do século XX. Segundo ele, durante a escravidão os mulatos eram tratados na legislação da mesma forma que os negros libertos, apenas no alvorecer do “século das luzes” eles teriam iniciado o processo para a mobilidade social. O que teria ocorrido de forma concomitante ao reconhecimento público de sua importância como um grupo importante para o desenvolvimento do

Vamos voltar para a trajetória de Marcílio e acompanhá-lo na “festa religiosa mais popular da capital”, que era organizada pela *Irmandade do Divino Espírito Santo* há mais de cem anos. Dois meses antes o “alferes da bandeira”, posição que ele ocupava, saía às ruas de Porto Alegre e passava nas casas para pedir doações para a celebração pública ao *Divino*. A chegada da bandeira vermelha com uma pomba branca desenhada ao centro e irradiando luz para todos os lados, era entendida como uma graça divina que visitava as residências. A *Irmandade* era dirigida por 28 membros e dentre eles eram sorteados anualmente o “imperador festeiro” e o “alferes da bandeira”, cargos que geralmente eram distribuídos entre as pessoas mais bem posicionadas no meio social porto-alegrense. No ano de 1924, o “imperador” era o industrial José Berta e o “alferes” era o funcionário público Marcílio da Costa Freitas, ambos estavam ao centro da procissão com os respectivos estandartes postados ao lado direito.

As festas do *Divino Espírito Santo* eram o ápice da organização e da mobilização voltada para a celebração religiosa em comemoração à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, realizavam-se 50 dias depois da Páscoa com missas, procissões, distribuição de brindes e exibições cinematográficas na Praça da Matriz. Marcílio ocupou vários cargos nas festas e na *Irmandade*, mas é provável que nenhuma atribuição religiosa lhe tenha dado tanto trabalho como o de “alferes da bandeira”, que era a pessoa responsável por passear em procissão pelas ruas e recolher os donativos para a festa. Naquela posição deve ter realizado muitos contatos com pessoas de todos os níveis sociais e tornar-se reconhecido como um homem de fé, pai de família e também como o principal dirigente do jornal *O Exemplo*. Aliás, os redatores do semanário mantiveram por vários anos o endereço da redação e oficina na Rua Espírito Santo, número 24 A, depois eles deslocaram a sede da publicação para o número 126 da mesma Rua.¹⁷

As proximidades entre os lugares das duas maiores devoções da vida de Marcílio – *O Exemplo* e a *Irmandade do Divino Espírito Santo* – nos sugerem vinculações muito próximas entre o

país, malgrado o preconceito ainda persistisse. Cf. (*O Exemplo*, 31.08.1924 e 18.09.1927) Mais detalhes sobre a vida de Evaristo de Moraes, nomeado ainda em vida como, “tribuno da República”, ver: MENDONÇA, 2007.

¹⁷ A capela do Divino Espírito Santo foi construída inicialmente, em 1772, na esquina da Rua Duque de Caxias com a Rua Espírito Santo, ao lado de onde hoje está a Catedral Metropolitana. O “império do Divino” ficava de frente para a Praça da Matriz onde aconteciam as festas, organizadas pela Irmandade desde 1821, em comemoração a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, conhecida como pentecostes. São muitas as lembranças no meio negro sobre as festas do Divino Espírito Santo, algumas se remetem a nova capela fundada em 1929, atrás do atual Pronto Socorro. Neste sentido, ver: SANTOS, et. al., 2010, p. 58-61.

culto religioso e a veneração que tinha ao jornal dos negros. Ele dedicou a vida aos dois veículos de fé e esperança, um se voltava a Deus e o outro aos homens. Foi no entorno deles que Marcílio de Freitas construiu as carreiras de devoto e intelectual, foi a partir desses meios que ele perenizou as suas vinculações espirituais, afetivas e materiais.

Em relação ao seu “filhinho”, como Marcílio representava o trabalho, o carinho e a dedicação que dispensava ao semanário, posso adiantar que o jornal *O Exemplo* sentiu a sua falta e não durou muito depois da sua morte. Eu relembro ao leitor que Marcílio de Freitas morreu em 06 de abril de 1928, e menos de dois anos depois, em janeiro de 1930, o jornal *O Exemplo* deixou de existir. Sem dúvida que a morte dele foi um duro golpe na organização do “Grupo Mantenedor” do semanário que ajudou a colocar no mundo e que desde então ele tornou-se um dos principais esteios. Marcílio ajudava financeiramente na manutenção do jornal, e era a mais importante liderança que exercia verdadeiro fascínio sobre o grupo. Ele era um líder carismático que pela sua trajetória junto ao hebdomadário desde a fundação, representava toda a disposição para a mudança e a esperança de que um dia os negros fariam parte da “comunhão nacional”.

Referências

DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

FERREIRA, Athos D. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

GOMES, Flávio. **Negros e política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MENDONÇA, Joseli M. N. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

MELO, Luís C. de. *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944.

MICELI, Sérgio. Biografia e cooptação (O estado atual das fontes para a história social e política e das elites no Brasil). In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*. Doutorado em História. Campinas, Unicamp, 2005.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MOURA, Clóvis. *As injustiças de Clio. O negro na historiografia brasileira*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

MÜLLER, Liane S. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre (1889-1920)*. Mestrado em História. Porto Alegre, PUC-RS, 1999.

SANTOS, Irene et. al. *Colonos e quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre*. Porto Alegre: [s.n.], 2010.

SANTOS, José A. *Prisioneiros da história. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. Doutorado em história. PUC-RS, 2011.

SCHMIDT, Benito B. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.